

Especialistas divergem sobre Trump ter tentado dar golpe

Apesar de divisão, pesquisadores concordam que insurreição foi circo ilegal

Anna Virginia Balloussier

RIO DE JANEIRO Que foi um show de horrores violento e ilegal, isso ninguém discute. Mas dá para chamar de tentativa de golpe de Estado? A classificação mais apropriada para este 6 de janeiro divide especialistas desde que, sob a flauta do atual presidente Donald Trump, ativistas invadiram o Congresso. Para Steven Levitsky, autor de “Como as Democracias Morrem?”, a democracia americana sofreu, sim, um experimento golpista, se considerarmos o conjunto da obra. “Desde que perdeu, Trump vem buscando reverter, e até roubar, a eleição e

permanecer no poder antidemocraticamente”, diz a Folha. Ele cita como exemplo o episódio em que o republicano pressionou o secretário de Estado da Geórgia, responsável pelas eleições no estado, a “encontrar votos” que o ajudassem a superar Biden. “Ele teria tentado fazer com que os militares apoiassem algum tipo de declaração de lei marcial e possível cancelamento do resultado eleitoral. E, na quarta, incitou uma multidão a atacar o Capitólio”, afirma Levitsky. “Todo o processo foi inepto e semelhante a um circo. Não funcionou. Mas foi claramente uma tentativa de ‘autogolpe’, como dizemos em espanhol.”

O que se viu em Washington foi “excepcionalmente bizarro e incomum”, mas não há por que gastar o rótulo de golpismo, escreveu em artigo para o City Journal Bruno Maçães, autor de “History Has Begun: The Birth of a New America” (a história começou: o nascimento de uma nova América). “O dia certamente foi ilegal, mas não havia condição de tomar o poder enviando uma galeria de cosplay com personagens ecléticos para o Congresso. Mesmo como pretexto para uma ação militar de Trump, o evento dificilmente era adequado.” Se há um momento que se aproximou de uma tomada ilegal do poder, “o melhor candidato é a ligação para o secretário da Geórgia”, diz o cientista político à reportagem. “Mas o que há não são fatos, e sim uma realidade coberta por dezenas de narrativas. Trump também vive delas.” Clayton Besaw calcula as chances de Trump conseguir dar um golpe até a posse de Biden: 0,08%. Como analista da One Earth Future, fundação que avalia riscos de governos serem destituídos ilegalmente, ele mensura eventos similares mundo afora —o Brasil, “com condições estruturais que propiciam ambiente melhor para um golpe do que os EUA”, tem 0,5%. “Normalmente, você precisaria da maioria dos oficiais

do mais alto escalão a bordo de um enredo golpista, e isso acontece quando você tem instituições muito fracas e perspectivas econômicas ruins.” Por ora, então, os EUA estão a salvo. A insurreição trumpista se aproxima mais da “violência eleitoral que atormenta muitas democracias frágeis”, segundo Besaw. Três parâmetros ajudam a definir um golpe: 1) os perpetradores são agentes do Estado, como oficiais militares ou servidores?; 2) o alvo é o chefe do Executivo (ou o próximo presidente, no caso)?; 3) os conspiradores se valem de métodos inconstitucionais? O protesto preenche as categorias dois e três, o que não basta para ser um golpe. Nessa galeria estão o Brasil de 1964 e o Egito em 2013, quando o general Abdel Fattah al-Sisi removeu o democraticamente eleito Mohamed Morsi. Sobre o primeiro requisito: os manifestantes pareciam ser civis operando por vontade própria, não atores estatais. “Trump incitou seguidores a marchar até o Capitólio, insistindo que a eleição foi roubada

e dizendo ‘não vamos aguentar mais’. Isso após meses espalhando conspirações que criaram uma percepção de prevaricação do governo na mente de muitos apoiadores.” Erica de Bruin, cientista política que escreveu “How to Prevent Coups d’État” (como prevenir golpes de estado), também descarta a entrada dos EUA nesse infame rol. Nemporisso o motim insuflado por Trump é menos grave, segundo ela. Pior: é mais fácil identificar investidas golpistas, “mas sabemos bem menos sobre como se proteger de ações antidemocráticas”, escreveu no New York Times. O jornal americano dedicou um editorial para tentar entender como o Congresso do autoproclamado guardião da democracia global amanheceu com vidros quebrados, móveis danificados e grafites nas paredes. Graças ao empurrãozinho do líder maior da nação. “Há uma divisão profunda até mesmo sobre como chamar os eventos que se desenrolaram: golpe fracassado? Insurreição? Terrorismo doméstico?”. A história dirá.

Procuradoria denuncia 15 pessoas por invasão do Congresso

WASHINGTON | AP/PE THE NEW YORK TIMES O republicano Derrick Evans, deputado estadual da Virgínia Ocidental, foi denunciado pela Procuradoria Federal dos EUA nesta sexta (8) por ter invadido o Congresso. Ele, que transmitiu ao vivo, em redes sociais, imagens de si mesmo e de outros vândalos dentro do local, é acusado de entrar em uma área de acesso restrito do Capitólio, prédio onde funciona o Legislativo americano.

Vários legisladores estaduais de todo o país viajaram a Washington nesta semana para participar de manifestações pró-Trump, mas não há informações se algum outro parlamentar se juntou à multidão de apoiadores do presidente que atacou o Congresso. Além de democratas, alguns republicanos pressionam o deputado a renunciar —ele tomou posse em 1º de dezembro. Evans nega todas as acusações e afirma que não planeja deixar o cargo. Centenas de promotores e agentes do FBI foram designados para trabalhar no inquérito sobre a invasão, disse o procurador federal Ken Kohl em uma entrevista coletiva em Washington. O Departamento de Justiça denunciou nesta sexta outras 14 pessoas ligadas ao incidente, incluindo um suspeito de instalar uma bomba caseira próxima ao Congresso. As autoridades encontraram 11 coquetéis molotov, um fuzil semiautomático e duas pistolas no caminhão de um



Cartaz em memória de Ashli Babbitt, morta durante invasão do Congresso, é colocado próximo ao Capitólio

dos suspeitos presos, um homem de 70 anos do Alabama, e a polícia de Washington afirmou ter prendido dezenas de suspeitos, muitos dos quais por entrada ilegal e violações do toque de recolher. Richard Barnett, 60, que apareceu em fotografias sentado na cadeira da presidente da Câmara, Nancy Pelosi, no gabinete dela, também foi denunciado. Drew Hammill, assessor de Pelosi, afirmou no Twitter que um laptop da deputada que ficava em uma sala de reuniões e era usado para apresentações foi roubado, assim como um computador do senador democrata Jeff Merkley, do estado de Oregon. Um repórter da agência de notícias de direita Blaze postou uma foto do que pare-

cia ser uma tela de um computador do escritório de Pelosi mostrando imagens de emails. Não se sabe o que mais pode ter sido roubado. Especialistas em tecnologia da informação temem que os invasores instalem programas para invadir os computadores, embora não esteja claro se os dispositivos foram o alvo de alguma ação específica.

Polícia de Washington confirma identidade dos mortos em ato

BAURU (SP) Autoridades de Washington confirmaram oficialmente a identidade das cinco pessoas que morreram du-

rante ou em decorrência da invasão do prédio do Congresso dos EUA na quarta-feira (6). Duas mulheres e três homens, entre os quais um policial, perderam suas vidas. A primeira confirmação foi a morte de Ashli Babbitt. Natural de San Diego, na Califórnia, ela tinha 35 anos, era veterana da Força Aérea americana e apoiadora fervorosa do presidente Donald Trump. Ela morreu depois de ser baleada por um agente da Polícia do Capitólio enquanto tentava passar por cima de uma barreira de móveis empilhados para entrar em um dos plenários do Congresso, uma área restrita, onde os parlamentares estavam abrigados. O policial Brian Sicknick, que trabalhava no prédio

do Legislativo americano, morreu na noite de quinta (7), depois de ter sofrido ferimentos ao “se envolver fisicamente com os manifestantes”, de acordo com comunicado da Polícia do Capitólio. Ele trabalhava na unidade desde 2008 e, mais recentemente, serviu na Unidade de Primeiros Socorros do departamento. Segundo a polícia, Sicknick chegou a ser levado a um hospital local, mas não resistiu aos ferimentos. Benjamin Phillips, 50, também teve sua morte confirmada pela polícia de Washington. Nascido em Bloomsburg, na Pensilvânia, ele ajudou a transportar um grupo de apoiadores de Trump que foi à capital para participar do comício em que o presi-

dente insuflou o que se tornaria a invasão do Capitólio. Phillips, porém, não chegou a participar dos atos. Segundo um membro do grupo, um policial retornou uma das várias ligações ao telefone do ativista e disse que ele morreu em decorrência de um derrame. A quarta vítima foi Kevin Greeson, 55, de Athens, no Alabama, que sofreu um ataque cardíaco enquanto estava em Washington. Nas redes sociais, ele era defensor de Trump e de grupos extremistas. O ativista postou pela última vez em sua conta no Twitter em 28 de julho de 2020. Declarou que a hidroxiquina é uma cura para a Covid-19, uma afirmação que não tem sustentação científica, e escreveu “Trump 2020”. Em outro post, chamou o ex-governador de Ohio John Kasich —um candidato à nomeação do Partido Republicano para concorrer à Presidência em 2016— de “idiota”. Rosanne Boyland, 34, também morreu na capital americana na última quarta-feira. Natural de Kennesaw, na Geórgia, ela participou do comício do presidente em Washington e morreu em circunstâncias que ainda não foram esclarecidas. Segundo relatos de familiares, Boyland era uma grande fã de Trump. “Ela era uma irmã, filha e tia maravilhosa. Qualquer pessoa que a conhecesse sabe o quanto compassiva ela era, sempre colocava os outros antes de si”, disse o cunhado de Boyland, Justin Cave, à rede CBS.

A família comunica a inestimável perda do querido

João Aguiar Alvarez

e agradece as mensagens de condolências e de carinho.

A Organização Bradesco comunica com profundo pesar o falecimento do estimado

João Aguiar Alvarez

Membro do Conselho de Administração

a quem confere homenagens póstumas, manifestando os mais sinceros sentimentos aos familiares e amigos.